N.º 6 (128) — 3.º ANNO

Terça-feira, 6 de Dezembro de 1910

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Redacção e administração, T. da Espera, 53, 1.º — LISBOA

ADHESIVOS

POBRES MASSAS

SILVA E SOUZA

Estas tambem querem adherir... á massa da Républica

ASSIGNATURAS

(Pagamento adeantado)

Anno	1$000
Semestre	500
Trimestre	300

A cobrança feita pelo correio custa mais 100 réis.

Assignatura extraordinaria sómente em Lisboa, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração.

T. da Espera, 53, 1.°, E.

LISBOA

AVISO.—A nossa redacção e administração, passa a ser do dia 1 de janeiro em deante na rua da Rosa, 162, 1.°, esq., Lisboa.

Ao sr. ministro da justiça

Cinco minutos de attenção, Ex.mo Sr. Dr. Affonso Augusto da Costa, lhe pede um obscuro inquilino.

Sou maior, vaccinado, anti-catholico e revolucionario.

Não tenha V. Ex.a receios da minha pessoa: sou um revolucionario, mas não pertenço ao numero dos *heroes* que estiveram na Rotunda nos dias 6, 7, 8, 9 e 10 de outubro ultimo, em visita ao local, em que, ha uns bons vinte e tal annos eu e mais alguns tivemos o baptismo de sangue, no dia do celebre comicio da Torrinha, em que a policia se portou mais brutalmente que a guarda municipal de agora.

Mal que V. Ex.a deu á luz a mimosa lei do inquilinato, era meu intento ir, pessoalmente, cumprimentar V. Ex.a e felicital-o pelo seu bom successo, mas estou impedido de o fazer, porque os cidadãos não podem andar na rua com a cabeça coberta, e já não posso aturar a estafada *Alma de Diös* em portuguez.

Por isso, faço-o por este meio; d'aqui d'esta pontinha do *Zé*, lhe envio os meus cumprimentos.

A lei do inquilinato é boa; é, não ha duvida. Mas... Lá vae um mas, como na abolição da pena de morte, na projectada reforma do Codigo de Justiça Militar. A lei do inquilinato é melhor que a da imprensa (que é uma lei de excepção) e peor que a da abolição do imposto de consumo, (que já devia estar cá fóra) essa sanguesuga insatisfeita, que nos tem posto a pão e laranjas, esfalfados, quasi sem forças para pegar no *Zé*, jornal que corre todas as mãos, femininas e masculinas, niveas e gretadas.

Ha muito tempo que a ambição dos senhorios pedia um dique; porem, o regimen dos *thalassas*, que Deus levou para o seu seio, nunca escutou as vozes de baixo, isto é, da canalha.

Implantando a Republica, essa gracil e jovial rapariga (perante a qual o *Zé* todo se baba) o sr. Affonso Costa lembrou-se dos *pindericos* inquilinos, — esfaimados que só encontram companheiros nos professores primarios — mimoseando-nos com a lei em questão.

Todos os inquilinos do paiz estão muito gratos a V. Ex.a, apezar de V. Ex.a ter dito *«o povo nada tem a agradecer ao governo. A lei do inquilinato é obra de nós todos. Eu e os meus collegas fomos, apenas, o echo e a traducção de toda a vontade do paiz».*

Eu, porém, apezar de ter, tambem, *mexido n'essa panela*, estou duplamente grato a V. Ex.a. Duplamente, sim, senhor, pelos motivos que vou expôr:

O meu senhorio é *thalassa* dos quatro costados; não quer *gramar* a Republica nem á mão do Deus Padre todo manhoso; não quer nada da Republica; diz que não acata as suas ordens, e que nem o fundo das suas estampilhas lamberá.

Pois no dia 20 de novembro, dia de S. Maxencio, fui procurar o meu senhorio, para fazermos o respectivo arrendamento e passar-lhe para as *batas* um mez de renda, como caução, em conformidade com a lei de que V. Ex.a é auctor, com a ajuda... de todos nós...

Que imagina V. Ex.a que fez o senhorio? Deu-me com a porta na cara, e exclamou irado: *«Não acceito dinheiro nenhum; leve o seu dinheiro; a lei do inquilinato é uma infamia; não passa, não deve passar; as constituintes não a approvarão; a republica leva uma volta; eu protesto energicamente contra ella; leve o seu dinheiro, pois só o acceito quando vier sua magestade o sr. D. Manuel, o legitimo chefe da nação portugueza, que não firmará semelhante pouca vergonha, que é um attentado contra o direito da propriedade.»*

Eu não quiz ouvir mais nada, nem tive tempo para lhe recordar a celebre phrase de Prouhdon, ácerca da propriedade. Galguei as escadas, rapidamente, quanto a minha lesão o permittiu, e eis-me em casa, com a massa no bolso, até que o sr. D. Manuel dê a sua entrada triumphal na Rotunda, pelo braço da Gabby e o bispo de Beja atraz.

Não desejando mal ao sr. Manuel de Bragança e Orleans, muito menos o desejo á minha pessoa. Por isso faço votos ardentissimos para que elle não ponha cá mais os pés, por que, emquanto elle lá andar por fóra, vou tendo moradia de borla.

Só por isto é V. Ex.a, sr. doutor, merecedor de uma estatua, centenario e moeda commemorativa, mas da boa...

Eis o que me levou a agradecer a V. Ex.a. Desculpe-me de não o fazer pessoalmente. Faço-o por este meio, pelos motivos atraz apontados, e não sou mais comprido por que o *Zé* não dá para mais do que isto, e vá...

RENATO FEIO.

CANDIDO DOS REIS

Alma sincera e pura, altivo coração,
Servindo honestamente a dôce Liberdade,
Mostrou com valentia a indómita vontade
Do povo libertar da féra escravidão.

Por elle deu a vida. A sua ingente acção
Causou tamanho assombro a toda a Humanidade,
Que a Historia ha-de gravar a grande heroicidade
Do forte portuguès, do bellico varão!

Foi revoltoso audaz no ataque á monarchia
E as armas apontou á vil hypocrisia,
Que negra se espalhava em sujo tremedal...

Foi tão heroico e bello o seu nobre viver
Que até não se importou, o santo, de morrer
Antes de ver raiar a Luz do puro Ideal!

ALBERTO BARBOSA.

Então, é bico ou cabeça?

Diz *A Capital*, «que o ministro dos estrangeiros não assistiu á festa a bordo do cruzador *Almirante Reis*, porque no momento em que se dispunha a embarcar, foi forçado a attender umas reclamações dos musicos de S. Carlos».

Quer dizer: Os senhores musicos não encontraram occasião mais propicia para tratarem da gaita, se não quando o ministro se preparava a ouvir algumas gaitadas patrioticas a bordo do cruzador.

Musicos d'estes, só com mercurio e alcool podem ser tratados a serio.

As moscas vão fazer *gréve* e acabase o vinho moscatel de certas casas.

Por acaso reparamos que nas estampilhas do Manoelsinho o escudo não tinha... corôa.

Presagio ou não a verdade é que a corôa deu um salto mortal n'esse reinado e foi-se abaixo das mãos, sem ninguem lhe valer.

Pouca sorte a emparelhar com a pouca ventura.

Mas, que raio de enguiço o do *reitumba!!!*

Até nas estampilhas lhe tiraram a corôa!...

Será um accaso embora
Mas o infeliz, coitado!
Antes de ser posto fora
Já o tinham «desc'roado»

•

Inaugurou-se ha dias a Assembleia Popular de Vigilancia Social, instituição que nos parece vir a prestar muitos e valiosos serviços.

Vem isto *al pelo* de lembrar ao governo de tratar do imposto de consumo e das decimas de rendas de casa em primeiro logar, bem como da ignobil patifaria dos contadores de agua e gaz, preterindo cousas que, sem embaraço algum, podem esperar mais dois meses ou tres.

A questão economica é a que mais directamente interessa o *Zé* porque lhe vae sahindo da bolsa.

Pr'ahi é que o seu Brito Camacho anti-feriadista e o sôr *Zé* Relvas, que que tambem é *Zé*, deviam deitar o olho.

O resto que espere, se quiser, pois ha mais que fazer.

Primeiro a economia
Na vida do cidadão,
Que lucta á noute e de dia,
Depois muita regalia
Que ao Zé dê satisfação

•

O nosso amigo Agostinho Fortes no seu projecto sobre descanço semanal não se lembrou da necessidade absoluta das mercearias estarem abertas aos domingos até ao meio dia prefixo. Essas horas de serviço de utilidade publica seriam compensadas com oito dias de ferias obrigatorias por anno.

Valeu a bem do Zé?..

Ao caixeiro essa «maminha»
Não lhe causava quizilia,
Pois ia até á terrinha
Dar um abraço á familia.

Ao *Zé* era coisa meiga
Porque, se não se precata,
Fica sem sal nem manteiga
Nem chouriço nem batata!

•

Um jornal do Porto, *catholico e apostolico romano*, oppõe-se ao casamento dos padres citando escandalos dos tempos antigos receiando que venham a repetir-se.

Como aquelles figurões se julgam uns aos outros!!!...

Se nós julgassemos os ministros do Senhor «escandalosos» chamavam-nos herejes.

Não querem que os padres casem
Pois os julgam viciosos;
Mas que raio os typos fazem
P'ra serem escandalosos?...

ORLANDO.

O Governo

Aproposito em 2 actos e muita gente

ACTO I

A scena é de manhã; passa-se em qualquer gabinete de ministro. Por exemplo no do figado é da moella ou seja no do interior.

O SR. MINISTRO *(acabando de chegar).* — Vamos a ver se hoje publico este decreto de grande importancia para o paiz.

O CONTINUO. — Está lá fóra o Sr. Ministro dos Paizes Baixos.

S. EX.ª — Mande entrar.

(Entra o representante do tal paiz e explica ao Sr. Ministro que recebeu um telegramma da sua nação, em que o seu governo diz reconhecer a republica. S. Ex.ª responde-lhe e o representante levanta ferro hora e meia depois de ter entrado).

O SR. MINISTRO *(só).* — Bem. Vamos ao decreto. O Paiz deve-me ficar grato...

O CONTINUO. — Uma commissão de operarios grévistas fundidores de Braço de Prata...

O SR. MINISTRO. — Mande entrar.

(Entra a commissão e o gabinete enche-se até á porta, de operarios.)

O SR. MINISTRO. — As suas reclamações não foram então, atendidas. Ora vamos a ver...

UM DA COMMISSÃO. — Nós ganhamos só seis vintens em cada... *(o operario impinge todas as reclamações e o Sr. Ministro, num eloquente discurso faz ver que a fundição de Braço de Prata é, e sempre foi, uma corporação que honra a Nação...* (Muitos apoiados e vivas) *e a quem a Nação e o Governo não esquecerá. Depois de meia hora de fallar os operarios acclamam delirantemente o Sr. Ministro e saem convencidos a ganhar 110 para bem de todos, etc.) (Saem todos).*

O SR. MINISTRO. — Emfim. Agora, ao decreto...

O CONTINUO. — O reporter do *Illustrates Perdigóts News* de Londres...

O SR. MINISTRO. — Mande vir.

(Entra o homem, e o Sr. Ministro tem de lhe narrar a noite de 3, o acampamento da rotunda, as medidas, e o programma do governo que não é alterado por nenhum motivo imprevisto. O Inglez por fim sae e o relogio lugubre dá doze horas.)

O SR. MINISTRO. — E o decreto... mas o almoço... antes o decreto. A Patria requere-o.

O CONTINUO. — Sr. Ministro. Immenso povo, invade a sala d'espera. *(Ouve-se musica na rua).*

O SR. MINISTRO. — Deixe-os entrar.

(Entra uma multidão enorme, com bandeiras, tres philarmonicas, bombeiros, e enchem o gabinete até á porta.)

UM DA ONDA *(avançando).* — O Povo de Sarilhos de Baixo, não podendo deixar de manifestar o seu apoio ás instituições que na sua alma reclamavam... *(um discurso com virgulas nos nomes proprios. No fim as tres philarmonicas querendo-se fazer ouvir, atacam a Portugueza. Ouvem-se «chiús» acalmadores. E' o Sr. Ministro que vai fallar).*

— O Povo de Sarilhos de Baixo, sempre foi, mesmo dentro d'esse regimen de perseguições, de odios, de crápula...

TODOS. — Bravo! Muito bem!...

UM DA ONDA. — Assim é que é fallar!

(No fim evacuam a sala e em frente das janellas tornam a atacar, coitadinha, a Portugueza, que não resiste a tanto ataque e desmaia e desafina). (Saem).

O SR. MINISTRO *(deixando-se cair numa cadeira).* — Uff!... E o decreto!?... Vamos...

O CONTINUO. — O povo de Sarilhos de Cima...

Até ás onze e meia da noite desfilam ante o espectador os povos de todas as cidades de Lisboa e arredores, todas as commissões que cumprimentam, todas as corporações que se manifestam; todos emfim...

Isto passa-se em todos os ministerios. E' claro que o decreto fica para o dia seguinte e no 2.º acto da peça que é curto mas emphatico ouve-se este dialogo:

ACTO II

No Rocio

UM QUE JA' ERA. — Então que dizes ao governo?

UM QUE SEMPRE FOI. — Ora, como os outros! Não faz nada. Ha dois mezes e a respeito de se saber o que fazem ao tempo...

CAE O PANNO

Mas, aqui para nós, o que devia cair era uma carga de pau em cima dos adhesivos.

EU PROPRIO.

Quem me dá uma esmolinha,
O' corações meritorios?

GLOSA

Eu governava a vidinha
Com muito trabalho e cáco,
Chegava-me p'ró tabaco
E chegava p'rá ginginha.
Porem, por desgraça minha,
Fui na onda dos vivorios
E os taes bandos precatorios
Puzeram-me já na espinha!
Quem me dá uma esmolinha
O' corações meritorios?

DEPENNADO.

Conseguido o decreto do descanço e das horas de serviço certos caixeiros vão trabalhar para que os patrões lhes concedam entrada ás dez e sahida ao meio dia com duas horas para almoçar dentro d'esse praso.

Alem d'isso trinta dias de ferias por mês e um dia nos mezes de trinta e um.

Justissimo.

DAS TREVAS
PARA A LUZ
Candido dos Reis
Homenagem aos heroes da revolução
SILVA E SOUZA

Correspondencia Quelhacea

Carta 3.ª

3 de setembro de 1910.

Minha boa amiga:

N'esta falar-te-hei acêrca d'alguns divertimentos, brincadeiras, que por cá tenho. Graças ao meu querido amigo rev. Gregorio tenho cultivado varios sports e varias brincadeiras inoffensivas do amôr a Deus, sendo tal a minha paixão por brincalhotices que montei aqui, (montei não digo bem porque quem montou foi o Gregorio), que dirijo aqui um pequeno logar de trez vintens onde ha de tudo menos d'isso visto as irmãs-amigas do alheio e os ladrões me estarem á arrombar as portas a todo momento de forma que me não deixam bôa occasião de juntar qualquer coisa que se veja. Chega a ser demais! Por mais esforços que empregue não consigo encher dois saquinhos de dinheiro. Ellas mal os veem em meio despejam-n'os logo as marôtas. Assim, francamente, esfalfa-se uma pessoa a trabalhar e não consegue melhoria de situação. Já me queixei ao Gregorio do que se está passando mas elle cruzou os braços e vermelho como um tomate declarou-me nada poder fazer contra a tal historia de volta e meia as respeitaveis irmãs em Christo esvaziarem cautelosamente os dois saquinhos De uma vez elle já quiz ir atraz d'ellas mas trocaram-lhe as voltas e embora o bom Gregorio quizesse metter-se á frente não o conseguiu. Foi esta uma das suas mais tristes aventuras! Mettia dó vê-lo depois triste, acabrunhado, a bufar, a bufar de cansaço!!

Mas vamos ao principal assumpto d'esta. Temos aqui muito bem organisado o serviço de tiro ao alvo. Embora se diga que com armas de fogo não se brinca ha cá menina que leva a vidinha a puchar pelo gatilho e a disparar o apparelho. E' o rev. Gregorio, sempre incançavel para nos auxiliar em tudo, d'onde resulta que quando de nós precisa todas de mui bom grado lhe fazemos qualquer favor. Ai filha, não imaginas que pontaria a d'elle! Credo, chega a crear formigueiros nos pés vêr um homem com uma certeza tão certa. Cada tiro que dá vae sempre bater no centro da mouche e quando é alvo movel, costuma ser uma perdiz, elle fura-a sempre de lado a lado. Eu cá por mais que queira nunca tal consegui e o reverendo até já me disse que se não consigo furar a perdiz é por defeito de nascença. Sabes, falta-me aquella certeza que o Gregorio tem. Todavia todos nós sabemos na perfeição o manejo da arma e já a passamos da direita para a esquerda quantas vezes queremos sem haver perigo de ella disparar antes de tempo.

Isto é optimo porque como sabes ha marchas que duram muito e é bom guardar as munições para então no fim dar uma descarga em cheio.

Tambem cá temos no Recolhimento equitação, isto é, a arte de cavalgar toda a sella, sendo tambem o Gregorio o professor; creio mesmo sêr o cavalgar a sua especialidade. Actualmente ha cá grande zaragata entre as recolhidas: umas querem montar á franceza; outras á italiana, outras á nossa, etc., e como vae haver um concurso hippico é preciso decidir como hade ir cada uma. Eu vou á portugueza, já me disse o Gregorio que é como faço figura. Isto é conforme a tempera de cada um. Olha tu, por exemplo, parece-me que darás melhor á franceza porque cança menos e como és fraca, é o que te está indicado. Ainda jógo o tennis. Conheces? Ah! é um jogo engraçadissimo. Ha uma rêde e de cada lado está uma pessôa. Cada uma deve têr duas bolas consistindo o jogo na troca d'ellas. O bonito porém é que muitas vezes escangalham-se, o que bastas vezes succede cá no recolhimento, de forma que é preciso fazer outras que as substituam.

Para fazer a digestão quasi todos os dias jógo o bilhar. D'este é que percebo pouco: não consigo pegar com arte no taco; vae com tanta força que rasgo sempre o panno.

Até breve.

Tua

Magdalena.

Epigramma

Com a lei de inquilinato
Certo notario manhoso,
Mais assanhado que um gato,
Gritava n'um tom raivoso:

— E' tanta, tanta *pequena*
A qu'rer que eu lhe abra o assento,
Que tenho estragada a penna
E o braço sem movimento.

APRENDIZ.

Saber-se quando é que o padre Mattos adhere outra vez.

— Os *adhesivos* deixarem de intrigalhar a grey dos republicanos.

— O *Zé* deixar de ser o jornal de caricaturas de maior circulação em Portugal e nos Algarves, áquem e além-mar em Africa etc.

— Deixarem de se estabelecer duvidas sobre a lei do Inquilinato.

— Acabarem-se os cortejos de saudação ao Governo Provisorio.

— Haver damas que não gostem de pegar no *Zé*... para o lêr de fio a pavio.

— A celebre *insanitaria* ser corrida como merece.

— As *canastras* lembrarem-se ainda da pallidez do rei que se partiu.

— Saberem-se novas e mandados do famoso syndicato dos jornalistas.

— Os feirantes da Feira de Agosto receberem a sua rica *massinha*.

— Saber-se como estará a cabeça do nosso Antonio Zé d'Almeida com tantas reclamações de grevistas.

— A *Rebolona* lêr mais alguma vez o *Portugal*.

— Haver uma philarmonica que não toque 3:000 vezes por minuto a estafada *Portuguêsa*.

Neurasthenicos

II

Se Marte foi um grande desordeiro,
Marujo de agua dôce era Neptuno,
Foi Mercurio alcaiote e foi gatuno,
Vulcano um coitadinho, um serralheiro!

Phaetónte quiz á força ser cocheiro,
Mas foi de seu pae Phebo um mau alumno;
Parteira muito eximia era a mãe Juno
E Venus uma gata com janeiro!

Ceres no campo andava a ceifar milhos,
O Pan se o toureassem, marraria!...
Saturno com prazer comia os filhos...

— Arre cebo! (Desculpe a grosseria)
Mas com gente propensa a taes sarilhos,
Chamarei ao Parnaso a Mouraria!

REI SAGÁRA.

Clovis. — Você não sabe que assim como ha a *grève* das *aparadeiras* tambem póde haver a dos *aparadeiros* e... nós não estamos para aparar as reverendissimas baboseiras que você escreve?

Laurentino. — O dito... dito... cá esperamos a tal coisa.

D. Ralleva. — Renovamos o pedido, que em tempo lhe fizemos... o que desde já agradecemos.

Multas. — Vimo-nos livres d'uma e ainda vem você seringar-nos depois da Republica implantada?

Grillo. — Olhe... cebo!

A certo logista

Tu no dia da festa da bandeira
Não quiseste fechar a immunda loja,
Onde se refastella, zurra e espoja
Tua ganancia vil e aventureira.

A tua Patria é só uma algibeira,
Só o *ganhar* no cerebro se aloja
E com tanta avareza que enoja
E' teu goso viver n'uma estrumeira.

Não quiseste prestar uma homenagem
A' bandeira que os homens de coragem
Souberam levantar como tropheu.

Pois vive, ó Harpagão, a teu contento
Mas ficas miseravel avarento,
Sem ter Patria, qual infimo judeu.

ORLANDO.

— Então que me diz ás greves, senhora Rita?

— Que hei de dizer?... Que tem sido uma coisa por demais!

— Parece impossivel.

— Impossivel, não!... Cada um puxa pelos seus direitos:

— Pois sim, mas que os homens puxassem pelos seus, vá, mas as mulheres...

— Ora essa?!... Então as mulheres tambem não teem direitos a defender?

— Direitos... direitos... nem sempre...

— Mas quando teem devem puxar por elles.

— Sim?!... Pois a mim parece-me que o melhor é não puxarem muito porque... podem quebrar...

— Veja lá vocemecê as telephonistas se tinham ou não tinham direitos a puxar!... Pobres raparigas!... Ali a ganharem matuta e meia... e multas, e o diabo!...

— E agora me contaram, que os chefes das estações, teem de ser casados para as mulheres os substituirem quando elles estão occupados n'outros serviços.

— O quê!?... não sabia?!

— Eu não!

— Ah!... Eu já sabia isso ha muito tempo... Não vê vocemecê, que a mulher do chefe é quem trata do apparelho do marido, se acaso este se ausenta para algum serviço extraordinario.

— Pois não sabia, não.

— Bem, fica sabendo agora!

— O caso é que as telephonistas venceram!

— Se lhe parece!... Toda a gente tem telephone, e a querer falar, e ellas com o aparelho isolado.

— Logo a seguir levantou-se a greve na companhia das aguas.

— Essa tambem foi bôa.

— Eu sempre tive um susto!!...

— E eu?

— Tambem se assustou?

— Ai!... não imagina! Mas não foi pela falta da agua, foi por causa d'um chinfrim que houve lá no predio onde moro, entre um gallego e a criada do primeiro.

— Mas então como foi isso?

— A criada, vendo que não tinha agua no contador, chamou um agua-

deiro. Quando ia a entrar a porta, o gallego avisou logo:

« — *Baya, qui eu num baxo por menos de dós tostons.*

«— Dois tostões!... Você está doido?... Gire, gire, vá lá para a sua terra vender agua, se não quer ir rebolando pela escada abaixo!!...

«— *Xe boxê num queria gastar dinhero, para que me fez bir cá riba?!»*

«Palavra puxa palavra, a criada o que faz? vae ao barril do gallego e tira-lhe o suspiro. Elle enraivece-se, vê o contador, e zaz, dá-lhe um murro que o arromba!...

— E depois?

— Depois, o gallego fugiu pela escada abaixo e a criada ficou a chorar, com o contador arrombado...

— Coitada!!...

— Este barulho fez-me tal nervoso, que fiquei doente todo o dia.

— Eu calculo o susto que a criada metteu a gallego, quando lhe disse que o atirava pela escada!...

— Qual!... Quem lh'o metteu foi o gallego.

— E' verdade que depois d'estes sustos todos, tivemos a festa da bandeira...

— Foi pena estar a chover tanto!

— Foi vêr, vocemecê?

— Não, querias!...

— Eu tambem fui, mas cheguei a casa toda encharcada por baixo.

— Então!... e por cima?

— Por cima tinha o chapéo de chuva que só serve para resguardar a cabeça.

— Lá o meu senhor tambem quiz sahir...

— Ah!... tambem?

— Tambem, apesar de constipado.

— Assim doente, fez mal...

— Então que quer?...

— Com um tempo d'aquelles, todo o dia a cahir agua, sahir de casa... não sei para quê!...

— Ora para quê! Para se pôr n'uma sôpa!!...

Ariel.

Então não andam para ahi a espalhar que vae haver outra Revolução?... Muita falta fez o Dr. Miguel Bombarda...

Não para a chuva e parece que o Padre Eterno não usa ainda a telegraphia sem fios e portanto ignora que afinal a Companhia das Aguas liquidou a gréve sem haver falta d'agua.

Basta de chuva, barbudo sr. Padre Eterno!

Se assim continua vamos ter com Lacerdinha que falla com as almas penadas e *depenna* as pobres *borboletas* e enviamos-lhe um *ultimo atum*.

Com umas noutes assim não se pode ir ao theatro, que é o pratinho especial cá da rapasiada.

E havendo tanta cousa bonita e instructiva por ahi, não ha quem possa ir ver o que se passa.

Por exemplo lá temos o reportorio do **Nacional** (casa de Garrett e ex-casa da Maria) que já deixou de ser *anormal* para ser o mais normal possivel.

Alem d'isso temos o theatro da **Republica** com a direcção do ex-visconde de S. Luiz de Braga levando á scena *A Promessa* em que o distincto actor Eduardo Brazão tem um papel importante.

Depois vem na ordem directa a **Trindade** onde o *Paiz do vinho* dá enchentes até que o *Amor de principes* lhe tire o logar obtendo ovações como tem tido no **Avenida** onde a endiabrada Cremilda creou uma personagem inegualavel.

Como peça portuguesa a valer ha *O fado* que tem feito successo no **Apolo** e se não tem o entrecho forçado dos dramalhões tolos tem a expontaneidade das obras sinceras.

Apesar da *chuva* os bilheteiros vêem-se atrapalhados n'esses theatros e tambem no **Gymnasio** onde a *Seraphina* recebe todas as noutes.

Recebe muitas palmas é claro.

O nosso amigo Alves da Silva continua tambem a receber muitos applausos na **Rua dos Condes** onde actualmente leva a antiga peça *A restauração de Portugal*.

E como já ha algums annos que não vamos a **S. Carlos** dirigido agora pelo nosso S. Luiz de Braga em vista do Mimon dos *bichos* e do *elephante* ter feito «gréve» com o verbo «pagar», ao que dizem as folhas. Se a chuva continua, desandamos para o *Phantastico* onde vae uma revista de Pedro Bandeira, para o **theatro do Rocio** que tem lá petisada em habilidade ou para o *Borratho* que fica ali aos Anjos e apresenta uma revista do *Zé Coxo o Anão dos Assobios* que *pegou*.

O que se nos está a pegar é a penna e portanto haja muita saude.

Oscar.

Vão fazer gréve os *pulidores* de calçada.

Secção charadistica

Decifrações do n.º 4

1. Deolinda, Manuela, Emilia, Jesuina, Belmira, Joanna — **2.** Galeoto, galeota — **3.** Manga, mango — **4.** Ricardo — **5.** Carvalho — **6.** Bofetada — **7.** Desleal — **8.** Dobradeira — **9.** Morrião.

---

(1) **Acrostico**

A..
L.....
B.........
E.....
R..
T...
I...
N...
O
Homens

Sevetse.

---

(2) **Em phrase**

A nota que a terra portugueza tem, come muito d'este peixe — 1 — 2.

Pan Garanhão.

Correio

Aos senhores Charadistas

E' favor não mandar *charadas em verso*.

Xuão.

O ZÉ publicará no proximo numero, na pagina central,

A nova bandeira

magnifico trabalho (a 4 côres) proprio para quadro.

A GRÉVOMANIA

A doença da gréve vae-se tornando grave para o estado do Estado